

# A MENINA DA ESTRELA\* DE OIRO

## CAPÍTULO I

### GOLD STAR\*

“... Haverá um dia, algures, uma civilização única e homogénea, em que a simetria será regra, em que a semelhança será louvada, em que não haverá lugar para a exceção. Nesse sítio, a vida terá uma disciplina e um rigor que aos nossos olhos parecerão de cadência militar. E também a individualidade e a beleza, tal como todos os outros aspectos da vida, terão uma legislação implícita.

Eis que um dia, nasce numa família um terceiro filho; ou melhor, a terceira de três filhas. Mas, espanto, a criança é flagrantemente diferente de todas as outras, e tem uma marca (na testa). Os pais, em pânico, não sabem o que achar: feia? Bonita? Uma coisa é certa – chamará a atenção de todos. Será detestada ou adorada, mas seguramente discriminada. E as suas outras filhas? Tão semelhantes entre si e entre todos... O que significa esta terceira filha?

O caso é levado a conselho público, e o casal é persuadido a tomar uma decisão: ninguém deverá saber da ocorrência ou ver esta filha. Nem ela própria se deverá ver ao espelho, para não se aperceber completamente da sua diferença.

A criança, depois rapariga, depois mulher, cresce assim, na sua clausura, dando asas à imaginação. Pode sair para o jardim, rodeado de muros altos, mas sempre sozinha. Comunica com o mundo exterior por

um aparelho pequenino, oferta dos pais, através do qual se liga à “rede global”. Neste universo virtual imagina-se livre; num contexto tão diferente daquele em que não percebe porque lhe são impostas as regras que sente na pele como um castigo. Na verdade, nunca ninguém lhas explica claramente, mas exigem-lhe que as intua, entenda e siga sem contestar.

Quando comunica com o mundo exterior, dá a si própria um nome, *Pássaro Aviador*. Sim, o conceito pode parecer uma redundância, mas explica perfeitamente a vontade que tem de voar dali para fora, de deixar todas aquelas regras incompreensíveis para trás... e de ser livre para crescer e prosperar!...”

## CAPÍTULO II

# ANA'R'CHIC

... Dia após dia, Estrela de Oiro\* torna-se mais curiosa.

Durante anos a sua educação ficou a cargo de um tutor que vinha a casa dos seus pais, ao abrigo de um contrato de sigilo. Na sua presença, ela tinha que usar uns acessórios fundamentais, mais uma das imposições ou “leis” como lhe chamavam os pais: um capacete que lhe escondia o cabelo e lhe tapava a testa, e uma máscara que lhe cobria o rosto.

“Ana do capacete feio!” Era assim que lhe chamava o professor quando a queria espicaçar. Ah! Pois! O nome de Estrela de Oiro\* é Ana; Estrela de Oiro\* é uma alcunha carinhosa que os pais lhe puseram.

De ano para ano, Estrela de Oiro\* sente crescer a expectativa de um dia compreender, pela família, pelo tutor ou pela “rede global”, o funcionamento da sociedade em que nasceu, as suas regras e leis, os seus deveres e direitos como cidadã, e a razão de ser de tanta imposição.

Mas o tempo passa, e nada. Os pais mostram-se cada vez mais ansiosos, apreensivos e preocupados, e as suas irmãs, nervosas; o tutor ensina-lhe “o programa do sistema” - pouco mais do que a saber falar, escrever e fazer contas, com uns temperos de História, Biologia e Físico-Química - e na “rede global” a informação prolifera de tal forma que distrai e é difícil discernir o que é realmente válido.

“Afiml o que se passa? O que está a acontecer? Qual é o meu papel aqui?”, pensava Estrela de Oiro\* cada vez mais confusa e revoltada.

É então que toma uma decisão arriscada: o seu *Pássaro Aviador* combina um encontro com três pessoas que conheceu na “rede global”; pareciam pessoas “diferentes”. Quando? À noite! Depois de todos adormecerem. Pediu a uma das pessoas que levasse um espelho – sabia o que era, vira na “rede global”. Queria conhecer melhor o seu aspecto. Melhor do que no reflexo indistinto de superfícies vagamente reflectoras em sua casa. Ia finalmente poder olhar-se com nitidez!

Nessa noite, Estrela de Oiro\* foi para o quarto cedo. Esperou que todos se deitassem, e saiu. Combinara atrás de sua casa. Que sensação de liberdade! Sair de casa! E sem capacete ou máscara! Foi como se lhe tirassem uma tonelada de cima.

“*Pássaro Aviador?!*”, ouviu chamar. Olhou para cima e viu três silhuetas empoleiradas numa árvore. “Sim!”, respondeu. O seu coração batia tão depressa que se sentiu tonta. Desceram um após outro. Eram dois rapazes e uma rapariga; um dos rapazes era parecido com o seu pai, mãe e irmãs; o outro rapaz e a rapariga eram completamente diferentes! Nunca vira ninguém vestido como nenhum dos três! Um dos rapazes estendeu-lhe um espelho. Estrela de Oiro\* sorriu e olhou para si própria pela primeira vez. Ficou perplexa e emocionada. “És muito bonita!”, disse-lhe o outro rapaz, e a rapariga acenou afirmativamente com a cabeça. Estrela de Oiro\* começou a chorar e a rir ao mesmo tempo. Finalmente compreendia a sua alcunha, ao ver o sinal dourado em forma de estrela que tinha na testa.

Ficaram a noite toda a falar e a contar as suas histórias de vida. Estrela de Oiro\* ficou a conhecer a causa dos seus novos amigos, que partilhavam o seu sentimento de revolta contra um sistema que os discriminava, manipulava e reprimia, que lhes impunha regras que não

faziam sentido e que degradava a saúde física e psicológica das suas famílias.

Passaram a encontrar-se uma vez por semana. Estrela de Oiro\* começou a vestir-se de forma diferente para estes encontros. Improvisava algumas peças com materiais que descobria em casa e que pintava e manipulava no corpo, e combinava-as com peças que os seus amigos lhe ofereciam. Sentia-se viva e, com os seus amigos, achava que conseguiria mudar o mundo e ser feliz!...

\*História Inspirada no conto regional “A menina da estrela de oiro na testa” (que, há cem anos, era contado no Baixo Alentejo, na Serra do Caldeirão).